

ATLETISMO ESCOLAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR

ATHLETICS SCHOOL AND TEACHER EDUCATION: PERCEPTIONS OF HIGHER EDUCATION STUDENTS

Tomires Campos Lopes e Evando Carlos Moreira
Universidade Federal de Mato Grosso
Contato: ecmmoreira@uol.com.br

RESUMO: A formação do professor é um percurso que se inicia, primeiramente de forma não intencional, na educação básica com o ofício de aluno. Nessa etapa da formação, o estudante se depara com informações e conhecimentos que farão parte de sua história de vida e serão retomadas e ressignificadas quando da formação em nível superior. Nesta pesquisa de cunho quantitativo, objetivamos compreender quais conhecimentos os estudantes de graduação em Educação Física têm sobre o conteúdo atletismo que foram adquiridos na educação básica. Os resultados apontam a inexistência da temática na escola e uma vaga ideia do conceito da modalidade. Poucos estudantes se lembram da vivência do atletismo na escola, sendo que os principais conhecimentos adquiridos sobre a modalidade se referem à mídia e às práticas de corridas de rua, sendo que as memórias citadas são de práticas mínimas no ensino médio. Entendemos que os cursos de formação devem desencadear ações nos cursos de formação para que os futuros professores compreendam a possibilidade do atletismo ser concebido como um conteúdo a ser desenvolvido na escola, desmistificando a concepção de que o atletismo somente pode ser praticado conforme o modelo performático.

Palavras-chave: Atletismo; Formação; Educação Física; Estudante; Escola.

ABSTRACT: Teacher education is a route that begins in basic education, first as a student, unintentionally. At this stage of education the student is faced with information and knowledge that will be part of his life story and will be taken over and resignified during its formation in higher education. This quantitative research aimed at understanding what knowledge the graduate students in physical education have about athletics acquired in basic education. The results indicated the absence of the subject in school and a superficial idea of the concept of the sport. Only a few students remember the athletics experience at school, and the main findings concerning the sport refer to media and street running practices, resulting from memories of rare practice in high school. We understand that training courses should trigger actions in Physical Education courses so that future teachers understand the possibility of developing athletics at school, demystifying the idea that athletics only happens in the performance model.

Keywords: Athletics; Formation; Physical education; Student; School

Introdução

A formação de professores deve ser compreendida como um momento de debate e construção acerca da docência, momento este em que professores, alunos e formadores refletem sobre as práticas pedagógicas e como estas devem ocorrer, com vistas à formação humana dos alunos que se encontram na escola.

Nesse sentido é necessário compreendermos o significado do conceito de formação de professores, considerando a importância do mesmo sob o ponto de vista da didática, visto o objeto do estudo do presente texto, que segundo Garcia (1999, p. 19):

A Formação de Professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através dos quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com os objetivos de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem.

Percebemos a amplitude do trabalho do professor no

envolvimento com a educação, que pressupõe a necessidade do envolvimento contínuo para além das aulas de seu componente curricular. Essa perspectiva é reconhecida por Imbernón (2011) como um processo que prossegue ao longo da vida, abrangendo outras questões relacionadas à profissão docente.

O processo de formação pressupõe a existência de algum modelo estabelecido, seja ela uma ideologia, o trabalho de alguém ou um especialista, que na escola é o professor. É esse profissional que inspira, positiva ou negativamente o futuro professor. Assim, o período de vivência na educação básica é um período de aprendizagem, o qual Formosinho (2009) denomina de ofício de aluno que se dá, inicialmente, na relação com seus professores no nível da educação básica.

Segundo Formosinho (2009, p. 95), “a docência é uma profissão que se aprende pela vivência da docência”. Para o autor, esse momento constitui-se na primeira etapa da formação dos futuros professores. Ou seja, o embrião do trabalho de professor é a própria

escola, personificada no trabalho dos professores. Pois, o professor suscita no estudante a possibilidade de um dia esse também vir a ser professor.

Desse modo, Formosinho (2009) nos apresenta a docência como uma profissão distinta das demais, que já se inicia no nível do ofício de aluno para depois se transformar no ofício de professor, como o mesmo expõe: “o ofício de professor é, diferentemente de todos os outros, aprendido antes de haver uma opção vocacional, é aprendido de modo implícito e num período prolongado” (FORMOSINHO, 2009, p. 99). Assim, os momentos vividos pelo estudante, seja na observação das aulas dos professores da educação básica ou na interpretação de papéis, muitas vezes de professor, quando o mesmo apresenta trabalhos solicitados (seminários, exposições, dentre outros) são ainda, segundo o autor, modos de aprendizagem do ofício da docência.

Esse ofício se aprende durante 12-15 anos e perpassa os períodos da “infância, adolescência e juventude; de modo artesanal e intensivo; na pré-escola e na escola;

perante companheiros e mestres, ao lado de outros aprendizes” (FORMOSINHO, 2009, p. 99), e ocorre de forma natural, cabendo à instituição formadora incorporar estas aprendizagens aos processos formativos “de modo a (re)construir a imagem que os estudantes já tem do ofício do professor.” (FORMOSINHO, 2009, p. 100).

Consideraremos o exposto, retomando o conceito de “ofício de aluno”, cunhado por Formosinho (2009) e as experiências como docente da disciplina de Atletismo em cursos de nível superior, buscaremos compreender o que os estudantes de graduação em Educação Física apreenderam sobre o atletismo durante a educação básica e como isto se faz presente como um conhecimento para ser retomado e incorporado ao processo formativo no ensino superior.

Atletismo, esse fenômeno desconhecido

Considerando a graduação como a instância educativa em que os conhecimentos a respeito de algum fenômeno são ampliados, sempre nos indagamos como a modalidade de atletismo foi

vivenciada na educação básica pelos os estudantes de graduação.

Importante ressaltar que o esporte é um fenômeno que se encontra amplamente difundido e aceito socialmente. Sua apresentação se mostra de forma plural, ligada à própria história da Educação Física. As diferentes manifestações esportivas se mostram também para além do espaço escolar que, segundo Nista-Piccolo e Moreira (2012, p. 20) são razões para que a “formação desse profissional dê suficiente preparação para que o professor possa ensinar esse conhecimento na escola.”

Sendo a Educação Física um componente curricular, o professor precisa considerar as diversas possibilidades e vivências que possam assegurar benefícios, seja no campo da saúde, da cultura, da função social, da corporeidade, do conhecimento, da linguagem, da expressão, dentre outros, que levem o estudante à apropriação de conhecimentos. Consideramos assim, que dentre essas temáticas, o atletismo possa figurar entre elas com capacidade para se instalar para além dos padrões atuais de

aceitação e aplicação. Esse caminho se inicia na graduação.

No entanto, vale destacar que as produções dedicadas ao atletismo não têm contribuído para movimentar este cenário, pois não são tantas, tampouco novas, ou seja, não permitem ampliar as possibilidades da vivência do Atletismo na escola como forma de acesso ao conhecimento.

Matthiesen (2009) cita que realizou em 2003 um estudo a respeito das bibliografias existentes na área da Educação Física relacionadas a esta modalidade e constatou que os principais livros nacionais datavam das décadas de 1970 e 1980 com perfil mais para o treinamento do que pedagógicos. Deste período até os dias atuais, poucas obras têm sido produzidas como referência para fomentar o ensino da modalidade na escola, sendo as mais relevantes as da própria autora: “Atletismo: teoria e prática” publicada em 2007 e “Atletismo se aprende na escola”, de 2009. Além destas podemos citar “Atletismo Escolar: Uma Proposta de Ensino da Educação Infantil”, de Maria Cecília Mariano de Oliveira publicado em 2006.

Produções recentes estabelecem mais relação com a modalidade em caráter de treinamento, exceção feita à obra *Miniatletismo: iniciação ao esporte: guia prático de atletismo para crianças*, de iniciativa da *International Association of Athletics Federations* – IAAF, órgão que gere o atletismo em nível mundial, traduzida para o português em 2011, caracterizando uma tentativa de popularizar a modalidade com o desenvolvimento de provas que se utilizam das habilidades básicas do ser humano e que compõem as provas oficiais: o andar, o correr, o saltar e o arremessar.

Dessa forma, entendemos que esta constatação retrata a pouca disposição dos pensadores da área em pesquisas votadas para esta temática, talvez considerando-a como de pouca relevância, o que pode refletir, portanto, nos cursos de graduação em Educação Física, que não dispõem de outros referenciais para o ensino do atletismo voltado para a escola.

Autores que se dedicaram a apresentar o cenário do desenvolvimento da modalidade em âmbito escolar no país, o fizeram através da constatação de sua

quase inexistência, tais como os citados por Ginciene e Matthiesen (2015), Betti, 1995; Matthiesen, 2005; 2007; Lecina e Rocha, 2001; Meures, Schafer e Miotti, 2008; Justino e Rodrigues, 2007.

Kunz (2006) já havia ressaltado que os estudantes de graduação utilizavam instalações e equipamentos das universidades em que estudam, que são, segundo o autor, frontalmente contraditórias à realidade das escolas brasileiras, especialmente da pública. A formação nestes moldes tem trazido forte influência sobre o tipo de movimento a ser ensinado nas escolas. Para o autor, isso leva os professores às seguintes condições:

[...] despreparados para ministrar aulas em escolas que porventura não possuem nenhum tipo de instalação ou local apropriado para a prática dos esportes [...] formam, na verdade indivíduos leigos para o exercício da profissão de professor de Educação Física na maioria das escolas brasileiras. (KUNZ, 2006, p. 83).

Essa característica histórica do ensino da modalidade na graduação, também tem contribuído para a pouca repercussão do atletismo no espaço escolar.

Para Silva e Darido (2011, p. 526) o atletismo tem essa

peculiaridade por que “se acredita que só possa ser realizado em condições próximas do esporte institucionalizado”. Ainda para esses autores, com apoio de Rezer (2010), pouco se tem discutido sobre o processo de ensino-aprendizagem das modalidades esportivas, especificamente, no âmbito do ensino superior, principalmente o atletismo. Apesar disto, enquanto disciplina curricular, a modalidade figura em quase todos os cursos de graduação em Educação Física do país, embora haja aqueles que a consideram como disciplina não obrigatória, o que denota a diminuição de sua importância diante das demais.

A realidade para o início do desenvolvimento das disciplinas relacionadas ao atletismo na graduação se dá a partir de um estágio inicial, pois Matthiesen (2007, p. 1) ressalta que “os alunos chegam ao ensino superior munidos de um conhecimento restrito acerca da modalidade esportiva, restando-lhes, apenas um exíguo conhecimento televisivo, quase sempre centrado em algumas provas”. Para a autora, isso ocasiona “um desconhecimento dessa modalidade esportiva ao se

ingressar no ensino superior” (MATTHIESEN, 2007, p. 2).

A autora aponta o gosto, o desejo de ensinar como um das justificativas para o não-ensino do atletismo, que para a mesma, é uma falta grave, pois não se trata de livre escolha do profissional que se julga no direito de ensinar apenas o que gosta ou o que deseja, “mas tem um compromisso com a transmissão do saber, com a transmissão da cultura.” (MATTHIESEN, 2007, p. 16).

Pressupomos que resida aí o pouco interesse na modalidade durante a formação de professores. Meurer, Schaefer e Miotti, (2008, p. 1)

[...] não veem sentido ou aplicação dos conteúdos em relação à sua futura atuação profissional. Decorre daí, uma série de dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, sendo que a forma como este esporte é abordado em contexto acadêmico repercute diretamente na maneira como ele é apresentado pelo profissional de Educação Física em contexto escolar.

Consideramos que os autores se referem às metodologias desenvolvidas para o ensino da disciplina que, pressupomos, não permitem que o ensino se volte para a aceitação da modalidade como

temática de discussão e possível ensino no âmbito escolar posteriormente.

Ainda segundo os autores, a forma como a mesma é desenvolvida nos cursos de graduação reflete-se na escola e mostra-se apenas como o esporte institucionalizado:

Sabe-se que nas orientações didáticas adotadas para o ensino do atletismo na universidade e na escola, prioriza-se, principalmente, desenvolver as provas atléticas com base no esporte institucionalizado, observando suas regras e normas oficiais de competição, tornando-o pouco atrativo e interessante, especialmente para aqueles que são caracterizados como “menos habilidosos”(MEURER; SCHAEFER; MIOTTI, 2008, p. 1).

Outro aspecto apresentado por Matthiesen (2007, p. 17) como um dos possíveis problemas para o não ensino da modalidade no âmbito escolar está na graduação, pois segundo ela nem no ensino superior o estudante aprende de fato sobre o atletismo, porque “ou não seja obrigatório cursar a disciplina de Atletismo durante esse período de formação profissional, ou porque há sérias deficiências no ensino dessa disciplina no âmbito da Universidade”. Para a autora, isso traz as infelizes consequências:

a possibilidade real de se formar em Educação Física sem ter tido nenhum contato com o atletismo, resultando em um profissional que poderá, quando inserido no mercado de trabalho, trabalhar com um conteúdo cuja formação foi deficiente; ou, mesmo quando esse contato como o atletismo ocorreu no âmbito universitário, isso muitas vezes se explica pela priorização de determinados conteúdos em detrimento de outros: ensinam-se, por exemplo, as corridas, os saltos, os arremessos e deixam-se de lado os lançamentos e a marcha atlética. (MATTHIESEN, 2007, p. 17).

A autora considera como fundamental a forma como o atletismo se desenvolve no ensino superior para que os desdobramentos sejam refletidos na realidade escolar.

Precisamos considerar que uma alteração significativa poderá ocorrer se houver por parte dos cursos de formação de professores o investimento em metodologias e conhecimentos que estabeleçam relação com suas aplicações diretamente na realidade das escolas brasileiras, numa tentativa de alterar a visão que o futuro professor tem sobre a modalidade.

Estamos nos referindo a uma formação que considere não apenas a perspectiva da performance, mesmo porque entendemos que a realidade da Educação Física

brasileira não o permitiria, mas nos referimos à Educação Física escolar. Inicialmente, é preciso ficar claro que o fenômeno atletismo terá poucas possibilidades de se desenvolver na maioria das escolas públicas e privadas brasileiras se formos esperar as condições de sua prática formalmente institucionalizada pela IAAF. Estamos nos referindo a espaço e material específicos da modalidade. Esperar por isso, é manter o status atual da modalidade. Kunz (2006, p. 20) cita Merleau Ponty para afirmar que é necessário desmitificar o esporte através de conhecimento que permita aos alunos criticá-los dentro de um determinado contexto socioeconômico-político-cultural para capacitar o aluno a compreender “que a prática esportiva deve ter o significado de valores e normas que assegurem o direito à prática”

Essa condição permite conduzir o graduando a compreender que as provas formais precisam ser discutidas, repensadas e redimensionadas para que possam ser trabalhadas nos poucos espaços existentes nas escolas brasileiras. Vale considerar ainda, a possibilidade de confecção de

implementos para as provas de campo para que sejam utilizados nas quadras sem danificá-las seria uma boa possibilidade para as escolas diante da sabida carência de recursos. Essas ações, por si só, diminuiriam a resistência da utilização do atletismo pelos acadêmicos, pois considerariam a modalidade como possível de ser implementada, abrindo caminho para que o estudante tome gosto por essa prática. Para o futuro professor, seria a oportunidade de ampliar as possibilidades de vivência dos elementos da cultura corporal.

Para Marques e Iora (2009), a alteração do perfil da modalidade ocorrerá, na medida em que, “o professor de Educação Física reflita mais sobre suas atividades de ensino, tendo como exemplo o Atletismo, que poderá apresentar grandes possibilidades de desenvolvimento no contexto escolar”. Acrescentando, Souza e Kunz (1998) advogam que o Atletismo, para ser ensinado na escola, necessita passar por uma transformação didático-pedagógica para abranger o campo de diferentes e significativas

possibilidades de um “se movimentar”.

Tendo como tema central a modalidade atletismo na educação básica vivenciada por estudantes de graduação em Educação Física, nos propusemos a compreender quais conhecimentos os estudantes de graduação em Educação Física têm sobre o conteúdo atletismo que foram adquiridos na educação básica.

Metodologia da Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva, pois como afirma Gil (2008), a mesma busca descrever as características de uma população, no caso os estudantes de graduação em Educação Física. Além disso, não estamos nos preocupando com representatividade numérica, mas com a compreensão de um grupo social, como propõe Gerhardt e Silveira (2009).

O universo de estudo foi um curso de licenciatura em Educação Física de uma universidade pública do estado de Mato Grosso. Os sujeitos foram estudantes ingressantes, de ambos os sexos do referido curso. Dos 50 ingressantes, apenas 26 concordaram em

participar da pesquisa, cuja adesão se deu de forma voluntária, sendo esse o único critério de escolha. Doravante, os mesmos serão apresentados da seguinte forma: A1 sendo “A” para aluno e 1 para a ordem dos questionários e, assim sucessivamente.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário composto de questões dissertativas, cujo preenchimento ocorreu durante o intervalo de aulas da segunda semana do primeiro período letivo dessa turma. Optamos pela análise de conteúdo em sua subdivisão denominada dedução frequencial, que segundo Caregnato e Mutti (2006), permite, a partir das respostas dos sujeitos organizá-las por simples agrupamento conforme suas recorrências, cuja apresentação faremos à medida que as mesmas foram dispostas no questionário.

Entendemos, conforme os autores destacam, que a materialidade linguística pode nos levar a compreender “o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente de linguagem” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 684).

Análise e Discussão dos Dados

Inicialmente, vale considerar que o tema atletismo para um aluno de graduação que, possivelmente, não o tenha vivenciado no período escolar, seja uma temática que lhe provoque alguma estranheza.

Dessa forma, a primeira pergunta foi a seguinte: o que é atletismo para você?

As respostas nos mostraram uma diversidade de perspectivas que vão do completo desconhecimento a uma tentativa de aproximação do que seria uma resposta adequada aos conceitos da modalidade.

Uma parte dos alunos foi categórico em afirmar que não tinha certeza sobre o que é o atletismo, como podemos observar a seguir:

“Eu não sei definir atletismo. A palavra atletismo me remete a corrida, exercício aeróbico de força e resistência.” (A2)
“É um tipo de esporte com várias modalidades que engloba o atletismo.” (A12)

Essas declarações se revelam bastante emblemáticas no que se refere ao conhecimento que esses estudantes, recém-chegados à graduação, têm sobre a modalidade, ou seja, apenas uma

vaga ideia do conceito da modalidade, o que reforça a denúncia já apresentada por Matthiesen (2009, p. 16), quando a mesma protesta que “é triste a realidade escolar, que denuncia uma total negligência no que diz respeito ao ensino do atletismo, fazendo com que as crianças praticamente o desconheça.”

No entanto, essa revelação que se mostra como um alerta para a realidade em que se encontra a modalidade é também um desejo para que a mesma tome outro sentido, como no exposto por dois sujeitos da pesquisa em relação à mesma pergunta:

“Para mim um esporte que deveria ser mais divulgado, pois é pouco conhecido no Brasil.” (A10)
“Prática muito bela, esporte muito importante.” (A18)

Dentre aqueles que apresentam conhecimento, alguns o apresentam apenas com duas palavras: “modalidade esportiva”, outros vão além, demonstram aprofundamento mais próximo da divisão clássica das provas do atletismo:

“São modalidades esportivas de corrida, corrida com barreiras, sem barreira, revezamento e etc.” (A8)

“É uma modalidade esportiva de corrida, que varia entre curta, média e longa distância, individual ou em grupo.” (A9)

Essas definições revelam conhecimento, embora confuso a respeito do atletismo, porém com mais aproximação do conceito apresentado pela entidade máxima do país, a Confederação Brasileira de Atletismo – CBAAt.

A mesma o define como um conjunto de “provas atléticas de pista e de campos, corridas de rua, marcha atlética, corrida através do campo (*cross country*) e corridas em montanha” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2014, p. 6). Claro que trata-se do conceito técnico da modalidade e não da definição que se encontra no imaginário popular que se relaciona com as provas tradicionalmente mais divulgadas e que não podem ser desconsideradas.

A segunda questão levantou os conhecimentos acumulados pelos alunos a partir de sua interação social nos espaços-tempos em que viveu e traz consigo de alguma forma. Para tanto, foi necessário de onde provinham estes conhecimentos.

As respostas dos sujeitos se pautaram basicamente da mídia e da vivência na modalidade. Sendo que total de entrevistados, doze apontaram que a principal fonte de conhecimento sobre a modalidade é a mídia, como se vê em alguns desses depoimentos:

“Através da mídia (televisão), principalmente em momentos de jogos olímpicos.” (A3)

“Primeiro contato através da mídia.” (A4)

“Não consigo dar mais detalhes, pois nunca tive informações mais aprofundadas. Apenas o que assisto pela televisão.” (S5).

“Mídia, internet (google).” (A6)

“Mídia.” (A7)

A importância dada aos efeitos provocados na sociedade através da exposição das pessoas à mídia se traduz na informação que os mesmos adquirem de forma massiva quanto a algum fenômeno, neste caso específico, o atletismo. Assim, a informação recebida se confunde com o conhecimento sobre algo, principalmente na ausência da adequada.

Ressalta-se que Wagner e Sommer (2007), se apoiam em Giroux (2003), para apontar que o preenchimento da vida das pessoas exercido pela mídia condiciona seus desejos e percepções e regulam os significados, valores e gostos,

produzindo identidades sociais e subjetividades na contemporaneidade que se configuram nas representações de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia.

Mesmo considerando essa superioridade de respostas dos sujeitos que apontam que os conhecimentos tenham vindo da mídia, entendemos que tal informação deve ser aproveitada pela escola, ressignificada e transformada em conhecimento crítico e incorporada ao discurso do sujeito como valores numa pedagogia que considera esses efeitos como educativos, como propõem Wagner e Sommer (2007, p. 2), “através de tais representações, as crianças e jovens vão internalizando valores e formas muito específicas de se pensar o social, o individual, o público, o privado”.

Essa internalização não se percebe nas falas apresentadas pelos sujeitos dessa pesquisa. Não encontramos, por exemplo, que os conhecimentos do atletismo foram tratados na escola mesmo com uso de recursos da mídia. As manifestações apenas apresentam que os estudantes tiveram contato com a modalidade lendo, vendo ou

ouvindo a respeito dela de forma livre e espontânea. Ficam, portanto, algumas indagações: teriam os professores de Educação Física optado por outros conteúdos que não o atletismo? Quais os motivos em preferir essa prática? Ou ainda, considerando que o conteúdo em questão tenha sido vivenciado na escola, o que leva os estudantes a não reconhecerem que os conhecimentos tenham sido abordados na escola? São perguntas que merecem maior investigação, porém para outro momento.

Outro grupo de sujeitos declarou que possui conhecimentos a respeito do fenômeno em questão, porém por suas participações como praticantes, como podemos ver.

“Eu pratico corrida, e isso me fez me interessar pelo esporte, e acompanhar alguns eventos pela televisão.” (A8)

“Vem um pouco do que aprendi quando passei pelo exército, mas só na prática e o restante na mídia.” (A12)

“Vem da prática e do conhecimento adquirido pela vivência do esporte.” (A15)

Percebemos em dois dos depoimentos anteriores, que há um envolvimento com a prática por meio do fenômeno já evidenciado

na pesquisa realizada por Salgado e Chacon-Mikhail (2006), quando os mesmos apresentaram a corrida de rua com uma evolução numérica de praticantes que deveria ser observada pelos professores desse componente curricular.

Mas identificamos que não existe destaque para qualquer aprendizagem advinda da escola ou do componente curricular Educação Física, mas um envolvimento com a modalidade por meio dos benefícios da atividade física, como é o caso da corrida, pois consideramos a fala do sujeito A8, como aquela do fenômeno atual das corridas de rua que é uma das provas da classificação da modalidade propostas pela IAAF, conforme apresentado anteriormente.

Entretanto, entendemos que essa ampliação da modalidade não se relaciona diretamente a algum trabalho realizado pelos professores na tentativa de apresentar o atletismo como temática das aulas da Educação Física. Se considerarmos que o trabalho do professor deveria conferir ao aluno a autonomia para o desenvolvimento da prática esportiva regular depois do período da educação básica, sem o auxílio

de especialistas, vez que as aulas de Educação Física dariam conta disso, como propõe Darido (2007), vemos que mais uma vez isso não foi apresentado pelos sujeitos em questão.

Em contrapartida, apenas quatro dos graduandos apresentaram relação direta dos conhecimentos a respeito do atletismo com as atividades oferecidas pela escola:

“Das influências dos jogos escolares. (A13)

“Aulas de educação física e televisão. (A17)

“Eu tive a oportunidade de participar de duas escolinhas de atletismo e três anos fluentes em um colégio que cursei o ensino fundamental. (A19).

“Escola (A14).

Entendemos que essas respostas são importantes, considerando o objetivo do presente texto, visto que este conhecimento teve origem nas aulas de Educação Física na escola, porém consideramos que a quantidade de respostas seja pequena diante do universo pesquisado. Entretanto, não podemos desconsiderá-las, visto ser um aceno do envolvimento do professorado quanto à existência da oferta do atletismo como conteúdo a ser tratado nas aulas de Educação Física. Ainda assim,

desejávamos saber se seria possível quais foram as vivências e experiências a respeito do atletismo no ensino fundamental e médio.

Os resultados mostraram que aqueles graduandos que apontaram que tinham adquirido seus conhecimentos a respeito da modalidade através de outras fontes, se mostraram coerentes ao responder ao novo questionamento, como vemos nos depoimentos seguintes:

“Não tive nenhuma experiência dessa modalidade na minha época escolar.” (A5)

“Não tive.” (A6)

“Não tive.” (A7)

“Não tive essa prática na escola.” (A8)

“No ensino fundamental e médio nunca tive nenhuma experiência com o atletismo.” (A9)

“Nenhuma, pois a escola onde estudei não havia essa modalidade.” (A10)

“Nenhum.” (A12)

Esses dados reforçam a ideia de que a oferta da modalidade na educação básica enquanto temática de vivência ou de discussão nas aulas de Educação Física, pelo menos no grupo pesquisado, inexistiu. Conforme protestam Ginciene e Matthiesen (2015, p. 110), a inércia da modalidade se mostra flagrante: “é fácil constatar que o acesso ao conhecimento que

envolve o atletismo, especialmente, no campo escolar é, ainda, muito restrito, mesmo considerando ser esse um dos conteúdos clássicos da Educação Física”. As justificativas apresentadas pelos professores já foram anunciadas e rebatidas em 1983 por Kirsch e colaboradores, retomadas e ressignificadas por Matthiesen (2009), como desculpas sem fundamentos quanto ao espaço e material adequados para o desenvolvimento da modalidade na escola e, agora corroborada com a afirmação:

Apesar de existentes, tais justificativas apresentadas pelos professores para o não ensino do atletismo, não se constituem, em motivos suficientes para justificar a negligência em relação ao ensino dessa modalidade esportiva na escola. (GINCIENE; MATTHIESEN, 2015, p. 110)

Quanto ao grupo de graduandos que afirmaram, de certa forma, ter participado de atividades voltadas à modalidade em questão, os dados mostram que elas foram mínimas:

“Pouquíssima. No ensino médio participei de uma competição entre escolas (jogos estudantis), e mais nada.” (A2)

“Muito pouco foi ensinado durante o ensino médio, apenas a teoria de algumas atividades.” (A)

“Muito pouco, no máximo corrida no saco, em olimpíadas escolares.” (A4)
“Foram muito poucos e realizada na escola (corrida).” (A11)

Vimos como surpresa a oferta da modalidade no nível do ensino médio, tendo em vista que a mesma se apresenta mais nos níveis anteriores da educação básica, considerando seu caráter de modalidade básica, ainda que as respostas anteriores se mostrem de forma superficial como manifestação do atletismo.

Entendemos que volume da oferta do atletismo na educação básica se apresenta pouco significativo diante da carga horária do componente curricular que gira em torno de 80 horas/ aula por ano, levando-se em conta a trajetória de toda a educação básica, seriam portanto, 960 horas. Tempo suficiente para promover, pelo menos a vivência, a aderência do estudante ao atletismo, caso o professor o entenda como importante, pois é uma questão de envolvimento e disposição para essa abertura, como apresenta a Matthiesen:

[...] tudo depende da disposição do profissional em encontrar um local propício para ensiná-lo; da

adequação do conteúdo às suas reais possibilidades de ensino, além da disposição para adequar o material, até mesmo confeccionando materiais alternativos. (MATTHIESEN, 2007, p. 91).

É preciso que o professor, primeiro compreenda seu papel de fomentador da prática diversificada dos conteúdos da Educação Física, pelo menos nas manifestações da cultura corporal que se apresentam como clássicas à área, tais como o esporte, ginástica, luta, dança e conhecimento sobre o corpo, e, quando se tratar exclusivamente do momento do trato do esporte, sua oferta deve ser não apenas do privilégio das manifestações mais comuns, como é o caso dos esportes coletivos de quadra. Compreendemos, que isso supõe a necessidade do envolvimento do professor, como propõe Martins Junior (2000):

Dos fatores que influem para que a Educação Física Escolar seja considerada como uma disciplina altamente motivadora, o professor de Educação Física constitui, sem dúvidas, um dos mais importantes, devido a ser o elemento que vai pôr em prática esse processo.

Entendemos assim, que o papel do professor é proporcionar mudanças na relação que o estudante com os conteúdos de

ensino Educação Física, principalmente aquelas pouco abordadas, como é o caso do atletismo.

Conclusões

Diante desse contexto, nos preocupa a influência que uma formação precária ou inexistente pode ter sobre o ofício da docência no que diz respeito ao ensino do atletismo na escola que se reflete no sujeito que se encontra na condição de ofício de aluno. Pois, o quadro demonstrado na pesquisa revela primeiro a inexistência da temática na escola, seja por um descomprometimento do professor com a formação ampliada de seu aluno ou mesmo com a modalidade em questão. Ou ainda, poderia residir no próprio graduando que desconsidera os possíveis abordados em aula, o que seria uma boa novidade neste cenário de escassez de oferta, mas lamentavelmente de pouca memória do ponto de vista dos jovens.

O estudo ainda revela, que o estudante que se apresenta para a graduação em Educação Física é, em decorrência do quadro apresentado de ausência de vivência ou apresentação à

modalidade, uma pessoa que não possui ainda, o encantamento para o aprendizado sobre o atletismo. Importante lembrar que é na escola que as ações iniciais da formação de uma consciência sobre algo se iniciaria, dentre elas o gosto por uma modalidade esportiva, como o atletismo.

Da mesma forma, o graduando vindo da realidade denunciada, vê a modalidade com sua amplitude de provas no ensino superior como algo novo, cuja aprendizagem exige um mínimo de habilidades para seu desenvolvimento. Capacidade que nem sempre os mesmos possuem para praticá-la durante o período de aprendizagem em sua graduação, pois se trata de algo que, como já relatado, não vivenciaram na educação básica. Essas habilidades seriam as condições mínimas para o aprendizado das provas, residindo, quem sabe, na oferta de poucas provas relatadas pelos sujeitos dessa pesquisa, que pressupomos, seriam talvez as mesmas justificativas dos professores da educação básica.

Há ainda que se considerar, que a tarefa do professor da disciplina relacionada ao atletismo

na graduação nem sempre favorece uma adesão facilitada aos conhecimentos sobre a modalidade, visto que muitas vezes os professores dos cursos de graduação em Educação Física do país apresentam a modalidade apenas a partir dos aspectos técnicos, bem como os espaços e materiais específicos, sem as possibilidades de adaptações que considerasse as restrições e carências da escola, já tanto conhecidas pela sociedade.

O estudante de ensino superior, uma vez formado nessa perspectiva retornará ao chão da escola para fechar então o ciclo dessa formação que, da escola veio e para ela retorna. E, possivelmente, volta para perpetuar o quadro nefasto da inexistência da oferta do atletismo nos planejamentos do componente curricular da educação básica até o momento em que não dermos o primeiro passo.

Nos cursos de graduação em Educação Física busca-se uma formação para uma perspectiva de aplicação, enquanto que a escola não dispõe de condições para recebê-la. Por outro lado, o futuro professor percebeu no ofício de

aluno da educação básica, a pouca ou nenhuma utilização dessa temática, não se predispõe a romper essa barreira, mesmo porque não disporá de recursos nem incentivo para essa empreitada, o resultado é conhecido, continuamos a repetir que não há atletismo na escola!

Buscando contrapor a esse tipo de formação, alertamos as pessoas que pensam os programas das disciplinas ligadas ao atletismo que procurem vislumbrar a possibilidade de desenvolvê-las nos Cursos de licenciatura em Educação Física na perspectiva de que o graduando retorne à escola em condições de considerar esse fenômeno como uma possibilidade de ser desenvolvida em sua realidade e não apenas apresentá-las somente no aspecto que já temos criticado, ou seja, a formalidade de implementos, regras e desenvolvimento de provas.

Deve-se reconhecer assim, que a modalidade formal carece de condições específicas para ser desenvolvida, mas que, em sua maioria, as escolas brasileiras quase nunca delas dispõem. Não significa reproduzir o quadro já colocado de fugir à utilização da

modalidade diante destes obstáculos tanto conhecidos, mas de enfrentamento em busca de sua alteração. É preciso desprendimento.

Para tanto, uma graduação que se mostre incomodada com alguma preocupação de alteração do status da modalidade na educação básica, precisa investir no ensino de metodologias alternativas ao desenvolvimento do atletismo que considerem que as provas possam ser desenvolvidas nos espaços disponíveis na escola que, na maioria das vezes, é somente a quadra, ou quando muito, um pátio.

Além disso, deve-se pensar que os materiais característicos e implementos para as provas precisam sofrer adaptações para serem utilizados nos espaços da escola, pois nem sempre estas dispõem de recursos para adquiri-los. Não se trata de uma descaracterização ou precarização da modalidade, mas de diminuir a distância entre a não existência da modalidade como conteúdo escolar e o acréscimo da mesma como um atletismo possível. Também não estamos pregando que, em sendo para o atletismo, qualquer forma basta, tampouco transferir ao

professor a tarefa de prover a escola de condições para a prática da modalidade, mas propor que este inicie o processo, sensibilize as pessoas para a aceitação do fenômeno e, a partir de então, ofereça condições objetivas para a prática.

Por fim, ponderar que a realidade do estudante de graduação possui para seu aprendizado ferramentas tecnológicas que lhes garantem abrangências de conhecimentos suficientes para serem utilizadas em suas aulas buscando potencializar os ensinamentos que levarão para a escola, permitindo a ampliação da oferta da modalidade de diversas formas que proporcionem ao estudante conhecer o atletismo para além do aspecto procedimental.

Esse ferramental deve ser adotado também na graduação, pois somente diante das iniciativas dos Cursos de graduação é que podemos pensar em alterar a realidade apresentada pela escola, evitando os erros sistemáticos que tem sido apresentado nesse ciclo vicioso.

Referências

- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de Conteúdo. **Texto contexto enfermagem**, Florianópolis, SC, v. 15, n. 4, p. 679-84, out./dez., 2006.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Atletismo: regras oficiais de competição 2014-2015**. Londrina, PR: Sport Training, 2014.
- DARIDO, S. C. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo, Cortez, 2011.
- FORMOSINHO, J. (Org.). **Formação de Professores: aprendizagem profissional e acção docente**. Porto, Porto Editora, 2009.
- GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.
- GERHARDT T. E.; SILVEIRA D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GINCIENE G.; MATTHIESEN S. Q. Utilizando o moodle na educação física: sobre um material didático virtual para o ensino do atletismo. **Motrivivência**, Florianópolis, SC, v. 27, n. 44, p. 109-124, mai., 2015.
- MARTINS JÚNIOR, J. O professor de educação física e a educação física escolar: como motivar o aluno? **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, PR, v. 11, n. 1, p. 107-117, 2000.
- KIRSCH A.; KOCH K.; ORO, U. **Antologia do atletismo: metodologia para iniciação em escolas e clubes**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1983.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2006.
- MARQUES, C. L. da; IORA, J. A. Atletismo escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, RS, v. 15, n. 2, p. 103-118, abr./jun., 2009.
- MATTHIESSEN, S. Q. (Org.). **Atletismo se aprende na escola**. 2 ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.
- _____. **Atletismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
- MEURER, S. T.; SCHAEFER, R. J.; MIOTTI, I. M. L. Atletismo na escola: uma possibilidade de ensino. **Lecturas, educación física y deportes**, Buenos Aires, Argentina, v. 13, n. 120, mai., 2008.
- SALGADO, J. V. V.; CHACON-MIKHAIL, M. P. T. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 90-99, 2006.
- SILVA, E. V. M.; DARIDO, S. C. O atletismo nos cursos de graduação em educação física. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 17, n. 3, p. 525-532, jul./set. 2011.
- SOUZA, M.; KUNZ, E. **Didática da educação física**. Ijuí, RS: Unijuí, 1998.
- WAGNER, I; SOMMER, L. H. **Mídia e pedagogias culturais**. Disponível em <http://quaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/pedagogia/262.pdf>. Acesso em: 19/06/2015